



Sobre terras, pássaros e mundos diversos

Apresentação e edição: Valéria de Paula Martins

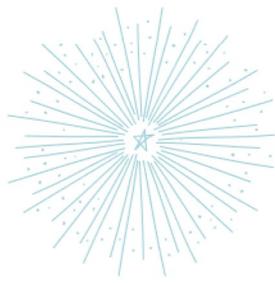
Masterização: Leobaldo Prado

Arquivos em pdf: Marcela de Lima Pereira

vinheta de abertura

Sr. Bernardo: A terra... no começo do mundo... se você furasse nela, saía sangue. No tempo de Adão mais Eva, isso eu vi os mais velho¹ contar, muitos caso deles, quando dava uma enxadada no chão, saía sangue, e quando eles ia cortar um pau também, o pau saía sangue. Aí foi que Adão mais Eva falou “Como é que nós faz? Que nós está cortando o pau, está saindo sangue”. Precisava trabalhar... E quando vai furar a terra, ela está saindo sangue e gemendo.

¹Na transcrição das falas de interlocutores e interlocutoras, conservo aspectos sintáticos que, apesar de se desviarem da norma culta, são sistemáticos e característicos da variante do português da região (como no caso da concordância numérica, vista nesse caso). Não procurei registrar outras particularidades (realização fonética etc.). Apenas no caso de cantigas, versos e chamadas, a transcrição retém contrações e alguns detalhes de realização fonética que sejam pertinentes para sua estrutura rítmica e sonora.



Aí ele falou assim: “Terra, consola, terra, você mesmo cria, você mesmo come”. [Quem falou?] Jesus Cristo falou: “Terra, consola, terra, você mesmo cria, você mesmo come”. Por isso que está aí. Ela cria, tudo, e volta, ela mesmo come tudo. A terra come o que estiver em cima dela.

Valéria: Ouvei em campo muitas narrativas como essas do sr. Bernardo.

Elas falavam da terra, de animais, vegetais, estrelas, planetas, de forma a ressaltar sua agência e também as relações estreitas estabelecidas entre eles e os seres humanos.

Nesse episódio, trago algumas palavras sobre o que aprendi com minhas interlocutoras e interlocutores a esse respeito a partir das narrativas que ouvi e da longa convivência com eles.

Eu me chamo Valéria de Paula Martins, sou antropóloga e atuo como docente na Universidade Federal de Uberlândia, em Minas Gerais.



Vocês já conhecem o sítio eletrônico poeticasdaterra.org? Dêem uma chegadinha lá... a cada episódio, compartilho no site algumas imagens associadas. E lá vocês também podem conhecer outros projetos que desenvolvi ou desenvolvo, além de iniciativas que divulgo de colegas da área.

A gente também está no Instagram agora. Segue a gente lá. É [@sensibilidades.antropologicas](https://www.instagram.com/sensibilidades.antropologicas)

música instrumental suave
volume abaixa enquanto a narração inicia

Há muitos mundos neste planeta Terra.

Vastos mundos de experiência delineados por diferentes coletivos em todos os recantos do globo terrestre.

Sensibilidades Antropológicas
suspiros sonoros com inspiração na arte de fazer antropologia



É as percepções e conceitualizações humanas sobre uma série de outros elementos ou seres que nos acompanham nesta jornada de vida variam.

Há quem chame e considere a terra, por exemplo, como um recurso natural. Do qual se pode tomar posse. Algo que serve a nós, humanos, e que a gente pode explorar, comercializar...

É há aqueles que estabelecem com a terra, com os animais, a Lua ou o Sol relações bastante próximas, cotidianas. Que os percebem como seres com os quais são construídas inúmeras trocas e parcerias. Como diz Ailton Krenak, aqueles para quem uma pedra pode ser uma irmã, e um rio, um avô. Ou aqueles para quem a terra cria, e come. E os pássaros indicam se vai chover bastante, ou pouco, como na fala da D. Antônia:

D. Antônia: É... juriti, não, é... verdadeira canta assim [imita a cantiga da verdadeira] Uma cantiga triste... Agora é o tempo delas, daqui uns dia é tempo de elas cantar. E tem a acauã também, aquelas canta feio, né. Diz que se elas estiver cantando em pau seco, que as água é ruim, se elas estiver cantando for em pau verde, que as água é boa. Olha o Nhambuzinho... Olha, aquele que está latindo já é o João de Barro. [Esse aí?] É. Parou...

*Sensibilidades Antropológicas
suspiros sonoros com inspiração na arte de fazer antropologia*



Valéria: Essas trocas e relações tão próximas entre humanos e não-humanos dizem de um mundo onde o chamado “território” importa demais para a continuidade da vida. Porque tudo e todos que estão ali estão imbricados em múltiplas relações que sustentam a vida, o crescimento, a transformação.

Porque elas mesmas, essas relações, são vivas, elas crescem, se transformam, já que elas associam, ou relacionam, seres que são vivos: ou seja, além dos humanos, a terra, os pássaros, porcos, montanhas, árvores, estrelas...

“Território é vida”, diz uma faixa empunhada por indígenas se posicionando contra a absurda ideia de se estabelecer um marco temporal para a delimitação de áreas indígenas no Brasil. Sim, território é vida, e a ameaça aos chamados territórios tradicionais é, ao mesmo tempo, ameaça à vida.

Em campo, eu aprendi sobre relações entre humanos e não-humanos, todos os dias. E percebi o quanto elas compõem o mundo daquelas pessoas com quem eu trabalhava.



Tudo está interligado. E o mundo delas talvez seja mais amplo, mais complexo, vivaz, mais rico que o mundo daqueles para quem os seres dos quais falei aqui são apenas recursos naturais.

Em campo, percebi quão pouco eu sabia, e ainda sei, sobre esses outros múltiplos seres que povoam o planeta assim como nós.

Lembrando das colocações do antropólogo Tim Ingold sobre lidar com o campo e as pessoas que constroem conosco nossa pesquisa - nossas interlocutoras e interlocutores - como nossos professores, que nos ensinam coisas demais, a partir das quais a gente e o nosso mundo se transformam, posso dizer que eu e o meu pequeno mundo se expandiram convidando joaninhas, turmalinas, ipês, bem-te-vis e a Lua para habitá-lo também, como parceiros nesta breve e bonita jornada.



volume da música instrumental aumenta ao final da narração
vinheta de encerramento